

JOSÉ MIGUEL PINTO DOS  
SANTOS  
Professor de Finanças, AESE

## A resposta é: "não"

A culpa da crise económica por que Portugal está a passar, que obrigou o anterior Governo a negociar um empréstimo com a "troika", que por sua vez impôs ao atual Governo reformas tão dolorosas para tantos sectores da economia e para tantas camadas da população, e que tem resultado na diminuição dos rendimentos e do consumo é devida ao euro?

A resposta é um "não" inequívoco. A evidência empírica é que muitas economias têm florescido com o euro, e muitas outras não se têm dado mal no âmbito da União Monetária. O euro não foi uma bebida envenenada que matasse todos os que a levassem aos lábios. Foi antes uma bebida forte que revigorou alguns, foi apreciada pela maioria, e deitou por terra uns poucos.

Que economias foram revigoradas com o euro? Há uma tendência para dar uma explicação geográfica e dizer que foram as economias no Norte e do Leste. Mas isto não passa de uma ilusão. A explicação correcta é que as economias que têm prosperado foram aquelas que melhor adaptaram as suas políticas à realidade económica de uma união monetária e de livre comércio. São a Eslovénia, a Eslováquia, a Polónia, a Estónia e a Finlândia, para já não referir a Áustria e a Alemanha. Muitos destes países nem sequer fazem parte da União Monetária mas adaptam as suas políticas monetárias e cambiais às do BCE, de modo que, na prática, é como se estivessem no euro. Sofrem as mesmas dificuldades de um euro forte e beneficiam dos mesmos benefícios de um euro com baixa inflação.

Mas o que lhes permitiu prosperar, tendo perdido domínio sobre as suas políticas monetárias e cambiais, foram as reformas que fizeram, em maior ou menor grau, das suas políticas fiscais e das leis que regulam os rendimentos. A Alemanha, que tinha problemas graves de competitividade até às reformas do governo de Schröder, resolveu-os no âmbito da Agenda 2010 com a diminuição de impostos, reforma da segurança social e a flexibilização do uso e remuneração dos fatores de produção conseguida por concertação entre sindicatos e associações patronais.

Tendo estes países, com o euro, as mesmas políticas monetárias e cambiais que Portugal e a Grécia, não é razoável atribuir à moeda única os problemas que estes últimos sofrem. Os problemas que os países do Sul sofrem não são devidos ao euro, mas àquilo que estes fizeram mal: o não flexibilizar as suas economias.